



ASSOCIAÇÃO DE CARÁCTER CIENTÍFICO E CULTURAL

PROJECTO PATRIMÓNIO

Nº2 Julho 1995

Director: José Antunes da Silva

EDITORIAL

“A água tudo lava”, diz o povo. Talvez... Será nessa esperança que alguém decidiu juntar tantos milhões de litros sobre uma fractura tectónica, submergindo um património cultural reclamado como mundial e destruindo instalações vitivinícolas ímpares que vão deixar no desemprego centenas de trabalhadores?

A ocultação destas afrontas exigiria muito mais água que a da barragem do Côa, mas não nos dispensa, a todos nós, de intervenções decididas para cuja fundamentação este número do Boletim Projecto Património se propõe contribuir.

Antunes da Silva

ÍNDICE

Foz Côa: um santuário natural - José Mattoso	página 3
As dimensões da terra - Duarte Belo	página 5
Algumas notas sobre a pintura e a gravura rupestres prehistóricas, a propósito do complexo do Côa - Álvaro Almeida	página 9
Parque arqueológico do Côa: ideias e propostas para um projecto - Virgílio Hipólito Correia, Alexandra Cerveira Lima e António Manuel S. P. Silva	página 15
Mapa de implantação do complexo de arte rupestre do vale do Côa	página 17
As leis do património e a arte rupestre do Côa - Luís Raposo	página 19
Política e ciência na questão do Côa - João Zilhão	página 25
Foz Côa: para que servem os estudos de impacte ambiental? - Rui Cortes	página 29
Uma estrela secundária - Manuel Carvalho	página 31
O poder aprendeu a lição - Valentina Marcelino	página 35
Mira Amaral ministro da cultura? Brr!! - Hermínio Monteiro	página 37
As gravuras não sabem nadar - José Manuel da Costa Ribeiro	página 39
Eu bebo porto do paleolítico - José A. Salvador	página 43
As fotografias são de Duarte Belo	

AS DIMENSÕES DA TERRA

Muito se tem escrito sobre Foz Côa e a polémica da opção entre uma barragem, de obra em curso — e onde já foram feitos avultados investimentos —, e um conjunto de sítios arqueológicos, recentemente descobertos, de extraordinária importância para o estudo e conhecimento dos gestos do homem do Paleolítico Superior. Este texto parte de uma visita a esse lugar, da permanência nas margens do rio ao longo de alguns dias e de vários percursos pedestres efectuados na procura das gravuras rupestres.

Subindo o curso do Douro, encontramos, próximo da sua confluência com o vale de José Esteves, a estação ferroviária de Côa; um pouco à frente, a foz do rio Côa. Existem no vale de José Esteves, e também em Vale Cabrões, 1300 m a jusante, no Douro, vestígios de passagem de homens antigos que ali deixaram, em superfícies lisas de xisto, traços extremamente finos representando homens e animais. São estes de um período tardio em relação aos primeiros a serem descobertos pela comunidade científica, em que estão apenas representados animais com grande realismo, atribuídos ao período Paleolítico. Marcam o início de um percurso fascinante por uma paisagem onde existe a tradição singular de, desde há 20.000 anos até aos nossos dias, nas faces do xisto, deixar desenhos, traços sublimes, registos para a representação do mundo, num gesto primordial de intervenção na paisagem que nos interroga sobre a permanência de um carácter ou o espírito do lugar.

Passamos a estação, hoje abandonada tal como o está a linha ferroviária do Douro entre o Pocinho e Barca de Alva, abandonamos o Douro e subimos o Côa. Entramos no vale estreito e fechado por uma curva suave. A 2 Km da foz voltamos à direita e deparamos com algo de tão grandioso quanto perturbador: a obra em curso para a construção da barragem de Foz Côa. É uma paisagem desfigurada que talvez se pensasse não poder ali acontecer em tão difícil e inacessível lugar. São as encostas do rio atravessadas por um sem número de estradões percorridos por enormes camiões, em grande azáfama, em nuvens de poeira. Depois, centrado nestas terras revolvidas e en-

tre duas pequenas ensecadeiras, um rasgo profundo perpendicular à direcção do rio que nos indica com precisão o local para onde está prevista a barragem.

A montante, à vista da barragem e ao abalo dos rebentamentos da obra, a Canada do Inferno, local onde foram encontradas as primeiras gravuras rupestres do período Paleolítico Superior e que deu origem a toda a polémica da opção entre uma barragem e o conjunto de sítios arqueológicos imediatamente considerados, pela comunidade científica nacional e internacional, como extremamente importantes para o estudo da vida e gestos do homem do Paleolítico Superior.

Daqui para Sul sucedem-se outros núcleos de gravuras. Um primeiro encontra-se um pouco a montante da Canada do Inferno. O sítio de Vale Figueira marca sensivelmente uma zona em que o vale se abre após o estreito que antecede a foz e aí se encontram, a par de representações de animais, algumas figuras até hoje indecifráveis. Um pouco mais para montante e deparamos com a foz da ribeira dos Piscos, um extraordinário lugar onde se encontra um conjunto de magníficas gravuras, tal como em Vale Figueira, de tipologia Paleolítica. Sem serem aqui muito numerosas, — apenas três painéis gravados —, são entre elas muito diversificadas. Um primeiro painel, com um comprimento aproximado de 2 m, está voltado para o Côa, a meia encosta, num local de difícil acesso e onde não se consegue afastamento para a leitura de duas gravuras sobrepostas, que deveria ser feita da margem oposta ou do próprio rio. São estas as

maiores gravuras até agora encontradas no vale do Côa. Um segundo painel, já na ribeira dos Piscos, está muito próximo do chão e representa dois animais e aquele a quem chamaram "o Homem de Piscos": a representação de um antropomorfo que talvez seja uma das mais antigas representações da figura humana que se conhecem. O terceiro painel representa dois cavaleiros enlaçados — uma das imagens mais claras, de maior legibilidade e das mais divulgadas de toda a polémica que envolve este extraordinário achado. Um pouco mais à frente ainda, subindo a ribeira dos Piscos, a pintura, em tom sanguínea, na rocha, em reduzidas dimensões, de um homem atribuído já ao período Neolítico.

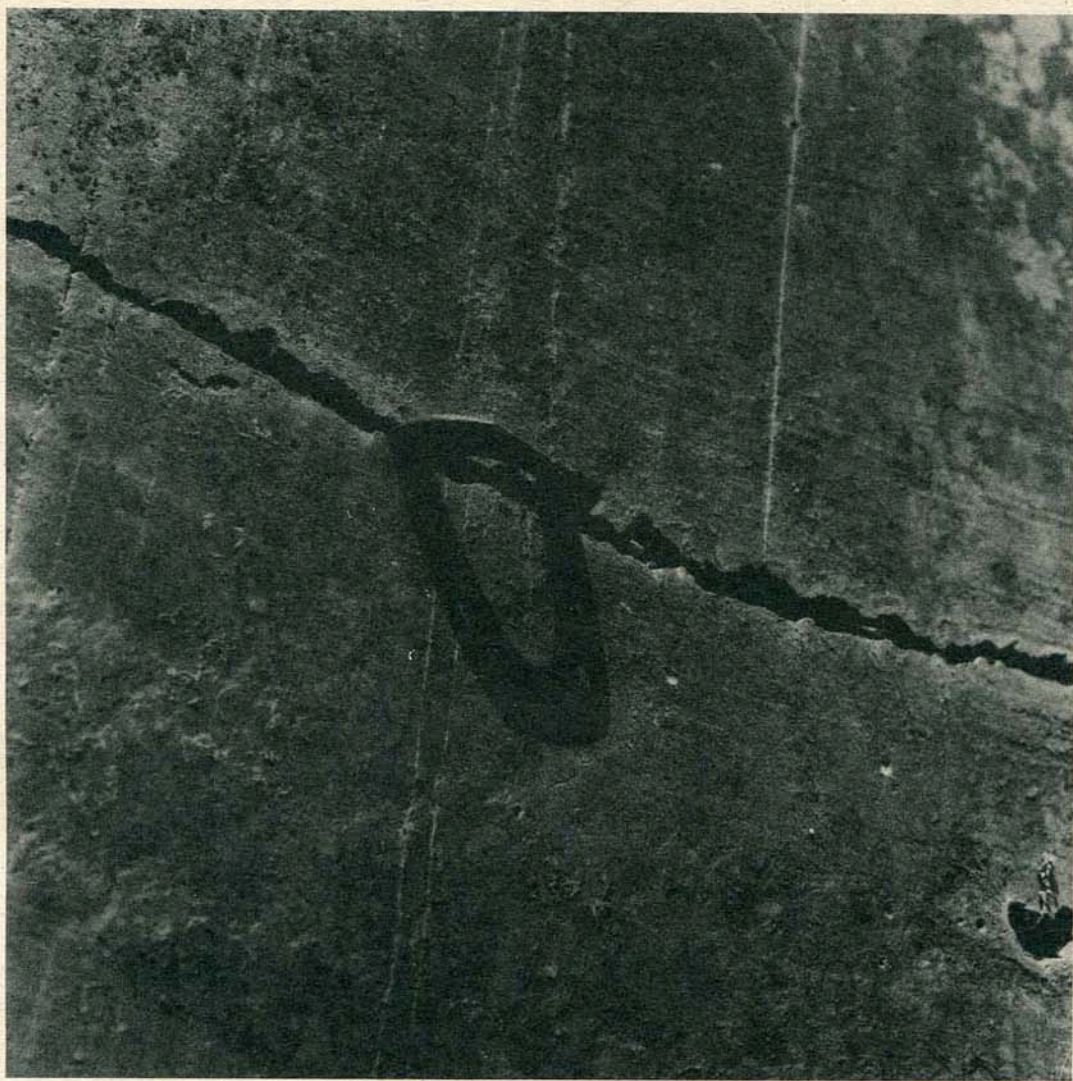
Continuando na margem esquerda do Côa deparamos à frente com algo de inesperado. Antes desta polémica das gravuras, já depois de uma primeira entretanto esquecida — e que se prendia com o facto de a implantação da barragem se fazer sobre uma falha geológica... —, outra tinha sido dada a lume, que entretanto esmoreceu, e que se relacionava com a submersão de uma área significativa da região demarcada do vinho fino Douro. Coloca-se aqui um outro aspecto paradigmático da questão do Côa e que põe em relação duas formas distintas de intervenção na paisagem. No contexto da humanização do lugar natural e de intervenções que têm como objecto a alteração da sua fisionomia, para dela se fazer um uso diverso do anterior e em que se insere de forma inequívoca a arte rupestre do Côa, uma referência inevitável à Quinta de Santa Maria de Ervamoira, ameaçada também pela total submersão. Sem dúvida que estamos aqui perante um gesto de força perante o meio ambiente, mas de carácter fundamentalmente diferente do da edificação de uma barragem. Aqui, num projecto inovador da cultura da vinha na região demarcada do Douro, é notória uma relação de grande proximidade com a terra e presente a continuidade e reinterpretção de valores antigos, dos mesmos valores que fizeram das terras do vale do Douro uma das mais extraordinárias paisagens rurais que se conhecem no mundo. Sem existir aqui a escadaria dos

geios, que marca profundamente a fisionomia duriense, existe uma terra de ondulação suave, onde o alinhamento dos esteios define como que o desenho de um jardim.

Prosseguimos, subimos o rio até à Quinta de Barca, até ao terraço fluvial onde se encontra aquele que talvez seja o mais importante núcleo de gravuras de tipologia paleolítica que se encontra no vale do Côa. Ao contrário dos primeiros lugares referidos em que o rio não corre, por integrar já a albufeira da barragem do Pocinho, no Douro, (chegando mesmo esta a submergir um número considerável de gravuras na Canada do Inferno), aqui ouve-se um rio com vida o que dá uma outra dimensão à leitura daquelas faces lisas de xisto, aquela paisagem inconfundível. Existem aqui três núcleos de gravuras, dois na margem esquerda, na Quinta da Barca, de que se destaca o rigor do traço na representação de caprideos, e um outro, sensivelmente em frente deste lugar na margem oposta do rio, no sítio da Penascosa, onde pela legibilidade das imagens, quantidade de painéis e disposição destes pela encosta onde se encontram, este lugar assume um carácter especial em que se sente o acto mágico que terá motivado a escrita nas superfícies de xisto, e nos transpõe de forma perturbadora à consciência de nós próprios, enquanto homens de sólida, numa paisagem de que, progressivamente, nos afastamos, aumentando irredutivelmente a distância a esse lugar primordial.

Prosseguimos. Mais adiante o vale estreita-se e entramos nos territórios do granito. O rio corre agora rectilíneo por entre margens escarpadas. Encontramos ainda derradeiros vestígios de pinturas e gravuras nalgumas dessas faces lisas, polidas pela força da água. Avançamos até o vale se opôr definitivamente à nossa progressão. Subimos em direcção de terras mais altas, afastamo-nos do rio de rápidos correntes.

Pela presença de uma série de elementos, reencontramos no vale do Côa uma dimensão cósmica de habitar, marcada pela consciência de posição, pela possibilidade de leitura de horizontes distantes tidos do alto dos montes e, simultaneamente, pela descida ao fundo dos vales, lugares de habi-



Ferradura encastrada no xisto, num painel com gravuras no sítio de Vale Cabrões. A mitologia associada ao vale do Côa não se limita aos aspectos interpretados no conteúdo da sua arte rupestre. Outros sinais, porventura mais subtis, testemunham outras dimensões dessa mitologia que vem ligando, desde há cerca de vinte milénios até aos nossos dias, o homem ao vale. Ferraduras encastradas no xisto, quer em paredes de casas, quer nas fragas gravadas, evocam o sortilégio de forças desconhecidas.

tar, marcados pela dimensão avassaladora do Douro.

De Foz Côa partir depois para paisagens mais distantes. Subir a um ponto alto e observar longes infundáveis. Para Sul, subir o Côa por terras da Beira Alta, entrar em territórios do granito, passar a Marofa, continuar por elevações planálticas e aí atestar a presença de uma série de marcas que se prendem com a nossa identidade, com a defesa das fronteiras de um território, com uma cultura própria, entretanto desenvolvida, de ser português. São as paisagens distantes do Portugal raiano. Para Sul ainda, subimos a serra da Malcata e descemos para o Tejo em paisagens já moldadas por um clima que progressivamente se altera, onde se sente, pela temperatura e luminosidade, a presença do mediterrâneo. Para Nordeste, por uma progressiva elevação da terra, começa a pressentir-se um maciço orográfico imponente, a serra da Estrela, referência de identidade e de orientação de toda uma paisagem vasta e de um povo que a habita.

Se descermos o Douro, seguiremos um vale cavado onde, por um clima embora distante muito se assemelha ao do Alentejo e Algarve e por uma terra xistosa, acontece um dos mais notáveis trabalhos de transformação da superfície da terra e que tem origem no cultivo da vinha daquele que será o vinho generoso do Douro. Toda esta paisagem grandiosa se mantém até ao sopé das serras do Marão e Montemuro onde, daí para poente o clima se altera e se passa a sentir a presença do mar Atlântico.

Para norte do Côa continuamos por paisagens infundáveis. O vale de Vilarça, onde tem foz o Sabor, nascido para lá de Bragança, notável pela sua planura e largueza entre terras elevadas. Ao fundo, a serra de Bornes e início da Terra Fria transmontana.

Se subirmos o Douro até Miranda deparamos com um rio diferente, insuspeitado, um espectáculo grandioso. Habitado por rapinas de voo silencioso, um rio profunda-

mente cavado entre paredes verticais, lisas e imensas, já não em terras de xisto mas na dureza do granito, numa escala arrebatadora, diferente daquela outra, mais humana, que encontramos no Côa.

Depois, a Este, em terras de Espanha continuar em território Ibérico.

Pensar esta paisagem extrema desde a chegada dos primeiros homens em tempos remotos. Terra limite, fim de um percurso de quem, de terras mais distantes procurava lugares para habitar. Fim de paisagem terrena e início de um imenso oceano de ilhas ausentes. Uma posição singular no extremo Sudoeste da Península Ibérica, paisagem com uma unidade geográfica como que a definir um continente em miniatura, terra isolada da Europa por uma cordilheira montanhosa. Situado no extremo ocidental do "Velho Continente", o território hoje Portugal vai ser determinado por esta condição de terra de fim de viagem, e pela presença do Atlântico que irá ter uma influência decisiva na fisionomia e geomorfologia do Continente.

Foz Côa poderá ser então a origem de uma viagem a uma terra sublime profundamente marcada pelo trabalho da dignidade dos homens, e onde a cada passo se sentem estes fazeres, determinados por uma terra difícil e ingrata, elementos de identidade de um povo que ultrapassa essa ideia de Nação, entretanto desenvolvida, para se enraizar profundamente na especificidade de uma terra dada. Deixarmo-nos fascinar por esse solo que pisamos como algo que fica da passagem dos dias e das noites, das estações do ano, do tempo de homens e mulheres. Recuar a tempos idos, olhar essas gravuras do Côa com o mais profundo respeito. Adivinhar nesses gestos primordiais os tempos remotos de uma aventura, viagem pela imensidão de um planeta azul. Partir depois para todos os lugares do mundo. Reinventar a paisagem nas múltiplas dimensões da terra.

Duarte Belo



Figuras de animais, entre os quais um cabrito montês, gravados em xisto, no sítio da Penascosa.



PROJECTO PATRIMÓNIO

é propriedade da associação "Projecto Património",
com sede na Rua Ruy Gameiro, 232 - 4º E - 2745 QUELUZ.

Depósito Legal nº 90830/ 95

Registo nº 119101

Distribuição gratuita aos associados.